

## “JÁ VIU UMA COBRA?” COMO OS GESTUANTES DE ADAMOROBE NARRAM UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL

“Have you ever seen a snake?” How Adamorobe deaf signers tell a personal experience

**Marta Morgado<sup>1</sup>**

### RESUMO

Narrativas de experiências pessoais são produzidas espontaneamente por surdos em conversas informais. Mesmo quando o conteúdo não é explicitamente sobre ser surdo, o facto de ser contado em língua gestual torna-o parte legítima da literatura das línguas gestuais. As narrativas completas possuem uma estrutura tripartida, dividida em introdução, desenvolvimento e conclusão. Normalmente, a ação segue uma curva, com o seu pico num clímax. Além da referência inicial ao tempo e espaço, as personagens são apresentadas e participam no enredo. As línguas gestuais costumam usar a incorporação para materializar as personagens. Nas línguas gestuais africanas, poucas narrativas de experiências pessoais têm sido estudadas em relação ao seu conteúdo, ex-

### ABSTRACT

Personal experience narratives are produced spontaneously by deaf people in informal conversations. Even when the content is not explicitly about being deaf, the fact of being told in sign language makes it an authentic part of sign language literature. Complete narratives have a tripartite structure, divided in introduction, development and conclusion. Typically, the action follows a curve, with its peak on a climax. Besides initial reference to time and space, characters are presented and participate in the plot. Sign languages often use constructed action to materialize characters. In African

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Rio Grande do Sul, RS, Brasil.

ceto referências a tópicos, principalmente na língua gestual da aldeia de Adamorobe, no Gana. No presente trabalho, uma análise de narrativas sobre ataques de cobras produzidas na Língua Gestual de Adamorobe por dois surdos ilustra como essas histórias se estruturam internamente e recorrem à incorporação.

sign languages, few personal experience narratives have been studied in relation to their content, except for references to topics, mainly in the village sign language of Adamorobe, Ghana. In the current work, an analysis of narratives about snake attacks, produced in Adamorobe Sign Language by two deaf signers, illustrate how these stories are internally structured and recur to constructed action.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Literatura em língua de sinais; Narrativa de experiência pessoal; Incorporação; Língua de sinais de aldeia; Língua de sinais de Adamorobe.

#### **KEYWORDS**

Sign language literature; Personal experience narrative; Constructed action; Village sign language; Adamorobe Sign Language.

## **Introdução**

Este artigo começa com uma visão geral sobre as narrativas de experiência pessoal no contexto da literatura das línguas gestuais. Estabelece que uma história informal, geralmente sobre um evento passado, é olhada como um objeto literário consoante o seu conteúdo, o tema abordado, a sua contextualização (quando, onde e quem) e uma estrutura interna tripartida (introdução, desenvolvimento e conclusão). Além disso, aponta para estratégias discursivas típicas das línguas gestuais, tais como a incorporação. O foco principal deste trabalho será então o estudo deste tipo de narrativas em línguas gestuais africanas e, em particular, na língua gestual da aldeia de Adamorobe, no Gana.

Na segunda parte do artigo, são analisadas duas narrativas de experiências pessoais sobre ataques de cobras produzidas por dois gestuantes surdos de Adamorobe, para ilustrar como as narrativas são estruturadas internamente e como as personagens são ativadas por meio da incorporação.

## 1. Uma visão geral sobre narrativas de experiências pessoais

As narrativas têm uma função informativa e podem expressar eventos pessoais passados, reais ou imaginários. Existem diferentes tipos de narrativas, sendo as de experiência pessoal uma delas. São importantes, porque refletem a vida quotidiana e contêm aspetos da identidade, da cultura e dos costumes (LESLEY, 2017).

Labov e Waletzky (1967) descrevem as narrativas de experiência pessoal como instrumentos ricos para os estudos linguísticos, porque não são planejados com antecedência e aqueles que contam as narrativas são contadores de histórias informais. Além disso, por mais naturalistas que sejam, os autores também argumentam que esse tipo de narrativa tem uma estrutura interna coerente, ou seja, um início, um meio, um fim e, claro, um evento, personagens e cenário(s). Verifica-se que todos os tipos de narrativa têm elementos fundamentais como a trama, as personagens, o tempo, o espaço e o narrador. O enredo da narrativa é basicamente estruturado como uma pirâmide, ou arco, que começa com uma **introdução** onde, normalmente, são apresentados personagens, tempo e espaço; a parte central da ação, o **desenvolvimento**, que inclui um conflito, na subida da curva, que tem, como seu momento de maior tensão, ou pico, o **clímax**; depois, a ação diminui ou cai, até chegar à **conclusão**, onde existe uma solução para o conflito (por exemplo, FREYTAG, 1908).

### 1.1 Narrativas de experiência pessoal em língua gestual

A literatura em língua gestual é espontaneamente desenvolvida por surdos de todo o mundo, especialmente em espaços privilegiados de encontro, como escolas (MORGADO, 2011). Antigamente, normalmente em internatos, as pessoas surdas partilhavam histórias em mímica, imitações, etc., escondidas dos supervisores oralistas. O facto de a língua gestual ser proibida fazia com que os surdos sentissem uma maior necessidade de se expressar em sua própria língua. Assim, as histórias contadas secretamente tornaram-se mais fortes e mais estruturadas (MORGADO, 2011). Por exemplo, os surdos que dispunham de alguns meios podiam ver filmes e transmiti-los aos seus colegas do internato (MORGADO, 2011), partilhando, dessa maneira, a sua própria experiência pessoal do mundo exterior.

No livro *A journey into the Deaf World* (LANE et al., 1996), é realçada a importância dos internatos e das associações para o enriquecimento das histórias. Histórias, poemas e outras produções gestuadas em *visual vernacular* sobre acessibilidade, identidade ou orgulho surdo baseiam-se em experiências pessoais (SUTTON-SPENCE; KANEKO, 2017). Karnopp e Klein (2016) detalham esse ponto ainda mais, descrevendo que os surdos produzem histórias sobre suas vidas, suas trajetórias como indivíduos e como membros de uma comunidade, seu modo de ser surdo ou eventos de vida. A análise das narrativas em Língua Brasileira de Sinais por esses autores demonstra que as experiências de vida das pessoas surdas parecem ser o ponto de partida de objetos literários tanto criativos como formais. O conteúdo da literatura das línguas gestuais (doravante LGs) parece ser marcado pelo facto de se ser surdo, mesmo quando as histórias não são sobre surdez; o facto de serem contadas em LG faz com que sejam consideradas como tal (SUTTON-SPENCE; KANEKO, 2017).

**As narrativas de experiência pessoal** são tipicamente sobre acontecimentos reais, vivenciados ou testemunhados, no passado, contrastando, assim, com narrativas fictícias, tais como as de contos (de fadas ou folclóricos), fábulas ou mitos. Nas línguas gestuais são consideradas como uma parte central da literatura da língua gestual (SUTTON-SPENCE; KANEKO, 2017). Mullrooney (2009) escreveu um livro sobre narrativas de experiência pessoal de pessoas surdas em American Sign Language. Ela seguiu a teoria de Labov e Waletzky e analisou várias narrativas que não estão relacionadas com a identidade ou cultura surda, mas sim com a experiência de vida quotidiana dos narradores.

Nas LGs, o narrador pode facilmente fazer parte da história, com a construção de diálogos, também conhecida como *role shift*, ao interpretar cada participante de uma conversa, e a **incorporação**, envolvendo a personificação de personagens. Na incorporação, o gestuante utiliza todo o corpo ou parte dele, como a face ou as mãos, como estratégia discursiva para representar ações, pensamentos ou sentimentos de uma personagem (CORMIER et al., 2013). Um dispositivo comum na literatura da língua gestual de incorporação é o **antropomorfismo**, a incorporação física de animais ou objetos – um recurso literário preferido por muitos gestuantes. Por exemplo, o antropomorfismo é muito comum nas histórias infantis de animais, onde os gestuantes encarnam animais selvagens e domésticos, bem como animais marinhos e aves. Aqui os

braços podem representar patas, garras, asas ou barbatanas. No caso de animais rastejantes, como caracóis e cobras, a representação é quase inteiramente personificada pelo humano (SUTTON-SPENCE; KANEKO, 2017).

Para além dos estudos científicos existentes, pode-se encontrar *on-line* uma grande variedade de histórias, poemas, narrativas, piadas e produções em *visual vernacular* de diferentes LGs, incluindo várias da África.

### 1.2 Narrativas de experiência pessoal em línguas gestuais africanas

Sabendo que os surdos reunidos em internatos são capazes de produzir narrativas espontâneas sistematicamente, pode-se prever que os surdos por natureza, onde quer que estejam, se estiverem juntos, desenvolvem a capacidade de contar narrativas. Sutton-Spence e Kaneko (2017) descrevem que a literatura em LG pode mudar a atitude das pessoas ouvintes em relação à comunidade surda. Várias culturas africanas ainda acreditam que os surdos nasçam surdos como resultado de bruxaria e, como resultado, são vistos como inferiores (TANO, 2016; KUSTERS, 2015b). Por essa razão, é crucial, neste momento, valorizar a literatura da LG na África.

A literatura das LGs surgiu no final do século XX (DIRKSEN; BAUMAN, 1997). No continente africano, a África do Sul parece ser o único país onde vários estudos foram desenvolvidos sobre literatura da *South African Sign Language* (SASL) (KANEKO & MORGAN, 2019; MORGAN & KANEKO, 2017; ASMAL & KANEKO, 2020; BAKER, 2017). Na *Kenyan Sign Language* há um estudo sobre a estrutura dos discursos não planeados produzidos por um líder surdo (MWERI, 2015). Baker (2017) descreve que os estudos de expressões literárias em LGs ainda são limitados em geral e muito centrados em apenas algumas LGs, como a *American Sign Language* (ASL) ou a *British Sign Language* (BSL). Além destas, LGs como a *Língua Brasileira de Sinais* (Libras), *Lingua Italiana dei Segni* (LIS) e *Nederlandse Gebarentaal* (NGT) têm um número razoável de estudos. Ela acrescenta que, no panorama mais vasto da literatura das LGs, a SASL está a tornar-se mais proeminente. Tanto quanto sei, até agora não foram publicados quaisquer estudos que analisem a literatura em LGs de aldeias.

Vários investigadores analisaram narrativas de experiência pessoal relacionadas com a identidade e a cultura surda em LGs como a ASL, BSL, SASL e *International Sign* (MORGAN; KANEKO, 2020). No entanto, há poucos

estudos sobre narrativas de experiência pessoal sobre outros tópicos, para além da comunidade, identidade ou cultura.

No que diz respeito às LGs africanas, já existem alguns corpora, nomeadamente das Línguas Gestuais do Mali (*Langue des Signes du Mali, Dogon SL e Bamako SL*, NYST et al. 2012), da *Ugandan Sign Language* (LUTALO KIINGI, 2014), *Langue des Signes de Bouakako*, na Costa do Marfim (TANO, 2014), e *Adamorobe Sign Language* (AdaSL). Estes corpora, recolhidos principalmente para efeitos de documentação e análise linguística, incluem algumas narrativas de experiência pessoal entre outros tipos de produção linguística (elicitação de gestos, entrevistas, conversas, etc.).

Todos os estudos literários até a data atual têm-se concentrado em LGs de grandes comunidades surdas. Isto desperta a curiosidade sobre como serão as narrativas em LGs de aldeias, como a de Adamorobe.

### 1.3 Narrativas de experiência pessoal em Adamorobe Sign Language

A *Adamorobe Sign Language* (AdaSL) tem cerca de 200 anos e é utilizada por surdos na aldeia de Adamorobe, no Gana, localizada a cerca de 40 quilómetros da capital Acra. A aldeia de Adamorobe tinha trinta e três habitantes surdos na altura do meu trabalho de campo. Os surdos mais velhos usam a AdaSL como língua principal, embora frequentem semanalmente os cultos da igreja em *Ghanaian Sign Language* (GSL). Os surdos mais jovens são escolarizados e fluentes tanto em AdaSL como em GSL, aprendida na escola.

As únicas partes de narrativas de experiência pessoal em AdaSL mencionadas em termos do seu conteúdo encontram-se no trabalho de Nyst (2007) e Kusters (2015a, 2015b) sobre a comunidade surda de Adamorobe, no Gana. Edward (2015) também recolheu vários vídeos como elicitação indireta de gestuantes contando pequenas histórias sobre a vida de Adamorobe para a sua dissertação de mestrado, mas não menciona seu conteúdo. Para a sua dissertação documentando a AdaSL, Nyst gravou 30 horas de vídeos, incluindo narrativas de experiências pessoais, histórias de mitos e da bíblia. Em relação a este último género, Nyst filmou surdos a traduzir histórias bíblicas para AdaSL a partir dos cultos da igreja dados em GSL, como ilustrado na Figura 1a. No Gana, os surdos estão habituados aos cultos religiosos na LG, porque este foi o primeiro país africano onde o missionário surdo americano Andrew Foster fundou, em

1957, uma escola para surdos, em que ensinou ASL e religião. De facto, Sutton-Spence e Kaneko (2017) sublinham que a literatura religiosa gestuada é muito importante para muitos surdos.

Ao documentar uma LG, Nyst (2015) explica que as entrevistas facilitam a recolha de dados linguísticos. Tópicos familiares aos entrevistados, como alimentação, família ou animais, são suscetíveis de encorajar a produção de narrativas de experiência pessoal. Esse tipo de dados espontâneos é muito útil para a análise linguística.

As narrativas de experiência pessoal nos corpora existentes cobrem tópicos como o trabalho, a vida quotidiana, a alimentação, a família, os animais, a morte, a surdez e a escola. Os surdos mais velhos de Adamorobe tiveram escola apenas durante pouco tempo e alguns deles recontam o incidente que levou ao encerramento da escola, envolvendo uma rapariga surda. A própria protagonista conta a sua versão num dos vídeos arquivados no corpus da AdaSL: *Tivemos uma escola para surdos aqui em Adamorobe. Eu estava doente, tinha manchas na minha pele. Queria ir para a escola porque davam comida no final das aulas. Por isso, fui lá e levei uma faca pequena. O professor viu-me, zangou-se comigo e partiu um ramo de árvore e bateu-me na cabeça e eu chorei* (Figura 1b) *e todas as pessoas surdas bateram no professor. Por causa disso, o chefe da aldeia decidiu fechar a escola.*

**Figura 1** – Fragmentos de uma história bíblica traduzida para AdaSL (a) e de uma narrativa de experiência pessoal referente ao momento em que o professor bateu nela, o que levou ao fecho da escola (b) (NYST, 2015).



Nas diferentes narrativas filmadas por Nyst para efeitos de documentação e descrição linguística, alguns tópicos foram iniciados por ela enquanto outros foram espontaneamente contados no grupo, como ilustrado nas Figuras 2a e 2b.

**Figura 2** – Fragmentos de uma narrativa de experiência pessoal referente ao momento em que uma árvore grande caiu durante uma tempestade (a) e à preparação de *kenkey*, um prato tradicional (b) (NYST, 2015).



Trabalhando numa tradição etnográfica, Kusters também passou algum tempo com as pessoas surdas de Adamorobe. No seu livro publicou partes de entrevistas que incluem histórias (KUSTERS, 2015) recolhidas tanto em vídeo como em notas e documentos de campo. Para além da maioria dos temas mencionados acima, acrescenta conversas banais sobre outras pessoas, crenças tradicionais e temas relacionados com ‘surdo-igual’ (*deaf-same*). O tema de ‘surdo-igual’ é bem ilustrado por expressões recorrentes, como “Éramos todos amigos, éramos todos iguais!” Quando perguntaram porque gostavam tanto de falar uns com os outros, os surdos responderam porque eram ‘surdo-igual’. Antigamente, pessoas surdas e ouvintes costumavam reunir-se com mais frequência, mas agora isso ocorre cada vez menos. Um surdo disse que, quando era pequeno, não conhecia outras pessoas surdas na aldeia. Quando ele os viu gestuar pela primeira vez, um deles chamou-o. Ele ficou envergonhado, mas o surdo disse que ele também era surdo, que era como ele. Ele continuou a explicar que eles eram surdos porque um deus os escolhera para serem assim. Depois disso, foi acolhido e todos continuaram a conversar com ele (KUSTERS, 2015, p. 93). Eles acreditam que um deus os tornou surdos, naturalmente mais fortes, melhores agricultores e melhores guardas. É nessas entrevistas que emergem narrativas de experiência pessoal.

## **2. Uma análise das narrativas de experiência pessoal em Adamorobe Sign Language**

Esta segunda parte centra-se na forma como os dados sobre narrativas de experiências pessoais foram recolhidos, que métodos foram utilizados para analisar o conteúdo e que evidências a análise revela sobre estas histórias informais contadas em AdaSL. A análise ilustra o conteúdo das narrativas, principal-

mente sua estrutura interna e estratégias discursivas, tais como a incorporação (ou seja, a representação de diálogos e da ação pelo gestuante).

### 2.1. Recolha de dados

Durante o meu trabalho de campo, os dados que precisava recolher para a minha investigação exigiam apenas um total de cerca de quatro dias. Mesmo assim, fiquei com os surdos diariamente durante dois meses e meio. Para me integrar na comunidade, foi importante conhecê-los, aprender AdaSL e seus costumes. Na quinta-feira não trabalhavam, pois era tradicionalmente um dia religioso em honra de Nyame, um deus local. Reuniam-se num grupo maior debaixo de uma grande árvore, com uma sombra generosa (Figura 3a). Compreendi que só o faziam durante o tempo em que eu lá estava. No domingo, quase todos os surdos da aldeia vão à igreja, onde a missa é dada em GSL por um padre surdo da cidade. Depois da igreja, a maioria deles ficava conversando antes de ir para casa. Nos outros dias, alguns dos surdos iam para o campo fora da aldeia. Aqueles que ficavam na aldeia, eu ia cumprimentar em suas casas, especialmente os mais jovens, que não trabalhavam. Tive o cuidado de variar os grupos com quem convivia, conversando com três ou quatro de cada vez. As casas eram constituídas por um quarto para cada pessoa ou casal. À volta dos quartos havia um espaço exterior onde se acendia o lume e se cozinhava. Estes locais, partilhados por grupos menores de, na sua maioria, membros da mesma família, funcionavam quase como um complexo privado. Em cada um destes compostos habitacionais, os surdos reuniam-se em pequenos grupos (Figura 3b) e conversavam quando não estavam fazendo as suas tarefas ou trabalhando no campo.

**Figura 3** – Grupos de aldeões surdos reunidos nos seus lugares habituais, debaixo da árvore (a), ou dentro do complexo habitacional (b).



Antes de ir para Adamorobe, percebi com o trabalho de Nyst (2007) e Kusters (2015) quais os tópicos mais falados. Assim, tornou-se mais fácil iniciar a conversa, perguntando-lhes sobre coisas que lhes eram familiares. Não os filmei nesses momentos, foi tudo o mais natural possível. Para além daqueles tópicos, os ataques de cobras eram recorrentes, como da única vez em que perguntei porque cada complexo habitacional tinha pelo menos um gato, ao que me responderam:

*Temos gatos para nos proteger das cobras, eles não têm medo, sabem como atacá-las e matá-las sem se magoarem, assim eles protegem-nos dos perigos. Isto só acontece durante a noite. Muitas vezes, logo pela manhã, encontramos cães e galinhas mortos, atacados pelas cobras e cobras mortas pelos gatos que as deixam todas arranhadas. É por isso que temos gatos.<sup>2</sup>*

Noutra altura, como eu queria beber água de coco e não havia à venda na aldeia, perguntei-lhes porque não havia cocos, uma vez que tinham tantos coqueiros. Esta foi a sua explicação: *Gostamos de coco, mas é muito perigoso apanhá-los. Ali, nas palmeiras, onde estão os cocos, é um dos locais onde as cobras se escondem durante o dia. São perigosas, estão escondidas, têm a mesma cor que os cocos. Ficam ali escondidas. Têm havido pessoas que sobem aos coqueiros e são mordidas ou assustam-se, caem e morrem por causa das cobras. Nós não vamos lá. É muito perigoso. À noite, eles descem e rastejam para a aldeia.<sup>3</sup>*

Numa outra ocasião, um dos surdos juntou-se ao nosso grupo debaixo da árvore e disse que um homem ouvinte que chegara do campo tinha acabado de matar uma cobra tão grande quanto a sua perna. Isto levou a um momento de partilha de experiências sobre terem tido cobras dentro dos seus quartos, como a do que contou: *Eu estava a dormir, sou surdo e não ouvi nada. Quando acordei, abri os meus olhos e vi algo longo e brilhante pendurado no teto. Pensei que era o meu cinto, mas depois vi que estava em movimento. Assustei-me, levantei-me, peguei na minha grande catana e cortei a cabeça da cobra e ela caiu. Depois fui investigar e percebi que a cobra tinha atravessado o telhado de zinco através de um buraco e ficado lá escondida durante muitos dias e depois quis sair para me atacar, ficou presa pela cauda e pendurada. Como sou surdo, não ouvi nada. É normal que elas entrem, mas as pessoas*

<sup>2</sup> Notes from fieldwork, taken on 19/09/2018.

<sup>3</sup> Notes from fieldwork, taken on 18/10/2018.

*ouvintes ouvem-nas e vão logo à procura delas para matá-las, mas nós precisamos sempre olhar à nossa volta e procurar por algo de estranho.*<sup>4</sup>

Várias histórias de cobras me foram contadas durante os encontros e não foram gravadas em vídeo, mas uma das tarefas que tive de filmar durante o trabalho de campo foi precisamente sobre ataques de animais e a partir daí tive acesso às suas experiências pessoais com animais em vídeo.

## 2.2 Metodologia

Para o meu projeto de doutoramento, havia cinco tarefas diferentes para gravar em vídeo, para analisar especificamente representações de tamanho e forma. Duas das tarefas envolviam narrativas espontâneas, uma delas sobre ataques de animais e a outra sobre sua experiência no campo. Ao planejar a investigação, a nossa equipe decidiu sugerir aos surdos ataques de animais envolvendo cobras, porque presumimos que a maioria das pessoas que vivem na aldeia teriam vivenciado tais encontros. Além disso, as cobras poderiam ser facilmente mapeadas no braço de um surdo, o que era o foco principal do projeto de investigação.

Filmei 28 narrativas diferentes sobre cobras no meu trabalho de campo. Mais tarde, encontrei outra história sobre cobras no corpus da AdaSL, onde Nyst (2012) arquivou os registros do seu trabalho de campo em 2000. O surdo que relatou essa experiência foi uma das pessoas surdas que filmei em 2018. Depois de ver todos os vídeos, fiquei realmente cativada com o entusiasmo com que contaram as suas narrativas, de uma forma que parecia ser bem estruturada.

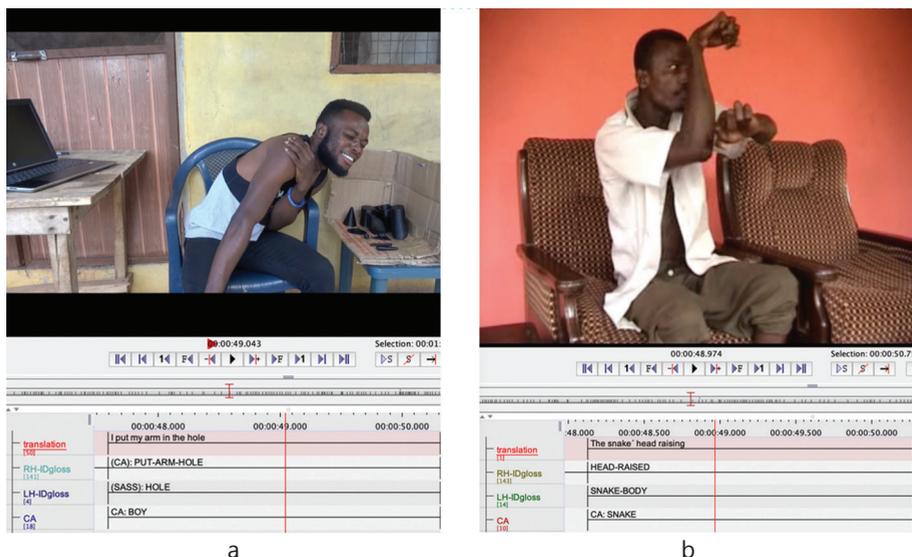
Para esta análise particular, selecionei dois vídeos diferentes, correspondentes aos dois vídeos mais longos dos 29. Um deles corresponde ao encontrado no corpus da AdaSL, filmado em 2000 por Nyst (2012) e o outro a um recolhido no meu trabalho de campo em 2018. A história da cobra filmada em 2018 é narrada por um jovem surdo, escolarizado e fluente tanto em AdaSL como em GSL. A partir de agora, vou referir-me a ela como ‘Narrativa 1’. O surdo filmado em 2000 pertence à geração mais velha, tendo a AdaSL como sua língua principal. Esta será identificada aqui como ‘Narrativa 2’.

Para compreender como as histórias estavam a ser estruturadas, analisei as traduções em relação às suas partes internas fundamentais: introdução, desenvolvimento (incluindo o clímax), e conclusão. Ao mesmo tempo, procurei

<sup>4</sup> Notes from fieldwork, taken on 01/11/2018.

referências ao tempo, lugar e quem eram as personagens. Centrando-me nas personagens representadas, analisei o uso da construção da ação, incluindo o antropomorfismo, para cada personagem, usando as orientações de Johnston (2016). Todos os vídeos foram transcritos em glosa e traduzidos no ELAN<sup>5</sup> (Figura 4), sendo todas as traduções da minha autoria.

**Figura 4** – Fragmentos de CA anotados no ELAN, na Narrativa 1 (a) e na Narrativa 2 (b).



Na seção seguinte, será apresentada e discutida a análise das duas narrativas mais longas sobre ataques de cobras encontradas nos dados, focando os aspectos acima mencionados.

### 2.3 Análise do conteúdo

Nesta seção, as duas narrativas selecionadas são analisadas em relação à sua estrutura tripartida e ao uso da incorporação: primeiro a Narrativa 1, produzida por um surdo jovem (fluyente tanto em AdaSL como em GSL) e depois a Narrativa 2, produzida por um gestuante de AdaSL mais velho. A Narrativa 1, como se mostra abaixo, está claramente dividida em três partes principais, assim como possui uma curva de ação bem definida com um pico no clímax.

<sup>5</sup> ELAN (Versão 5.9) [Computer software]. (2020). Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive. Recuperado em: <https://archive.mpi.nl/ta/elan>.

Introdução		<i>Há muito tempo atrás, quando eu era pequeno, lá, no campo, fui com o meu pai. Caminhei para lá e fiquei lá. O meu pai foi para o campo até terminar o seu trabalho.</i>
Desenvolvimento	Sentei-me ali à espera, a pensar e vi um buraco. Alguma coisa se moveu. Pensei: "O que poderá ser?". Coloquei a minha mão no buraco. Eu era muito pequeno e não sabia. Coloquei o meu braço no buraco. "O que é isso?", pensei eu. Com a catana, cavei o buraco para o tornar maior, a minha mão, coloquei-a no buraco.	
	Clímax	<i>Eu não ouvi nada, mas o meu pai ouviu e veio ter comigo. Eu tinha o meu braço no buraco e o meu pai disse: "Sai daí". O meu pai cortou a cabeça da cobra com a catana. A cabeça da cobra abriu-se. A boca ficou aberta. Eu estava assustado e aflito. O meu pai puxou a cobra para fora do buraco. Era uma cobra grande e muito comprida.</i>
Conclusão		<i>Ele puxou-a e colocou-a num ramo de uma árvore. Acalmei-me e o meu pai disse por mímica: "Não ponhas o teu braço no buraco! Tu ouves? Não, se não ouves não podes pôr o braço no buraco. Tens de ver, não toques. Se a cobra te morder, morres". Eu estava perturbado, não devia ter colocado o meu braço no buraco. Comecei a tremer de medo. O meu pai perguntava-me constantemente: "Compreendes?".</i> <i>O meu pai acendeu uma fogueira, puxou a cobra do ramo e colocou-a no fogo. Ele enterrou-a e cobriu-a. E foi assim!</i>

Logo no início da Narrativa 1, o surdo diz quando teve a experiência (*há muito tempo atrás, quando eu era pequeno*), onde aconteceu (*lá no campo*) e quem são as personagens (*eu fui com o meu pai*). Quando ele atua como narrador, normalmente olha para a câmara (Figura 5).

**Figura 5** – Fragmento da introdução, em que o surdo, atuando como narrador, olha para a câmara.



LÁ

PAI

JUNTOS

CAMPO

IR

*Lá, no campo, fui com o meu pai.*

No desenvolvimento da ação, o jovem surdo descreve o conflito encarnando as diferentes personagens (o filho, o pai e a cobra), utilizando a incorporação. Explica que viu algo em movimento, vai ver o buraco no chão e coloca o seu braço lá dentro sem pensar no perigo. Ele tenta cavar o buraco para o tornar maior e volta a colocar o seu braço no buraco, sem ouvir nada. Nesta parte, o surdo olha para a câmara, atuando como narrador, pouco antes de encarnar uma personagem que, neste caso, é o rapaz. Como narrador, ele diz à câmara o que vai utilizar na ação que se segue, seja a catana ou a mão (Figuras 6a1 e 6b1), e depois encarna a personagem ou cavando o buraco com a catana ou colocando a mão no buraco (Figuras 6a2 e 6b2).

**Figura 6** – Fragmento desenrolar da ação, em que o surdo indica à câmara o que será usado na ação (a1 e b1) antes de personificar o rapaz agindo (a2 e b2).



*Com a catana, cavei o buraco (...),*

*(...) a minha mão, coloquei-a no buraco.*

No clímax, o pai aparece a tempo de o salvar e mata a cobra. Aqui, é possível observar as mudanças de personagem sem que ele mencione quem é quem. Por exemplo, o pai corta a cabeça da cobra mais de uma vez. Quando o surdo encarna o pai, olha para baixo e a sua mão é a catana a cortar a cobra (Figuras 7a e 7c). Quando personifica a cobra, inclina a cabeça como se estivesse deitada, com os olhos e a boca abertos, agindo como uma cobra moribunda. Além disso, usa suas mãos para representar uma cabeça aberta (Figura 7b).

**Figura 7** – Fragmento do clímax, em que o surdo encarna tanto o pai a cortar a cobra (a e c) como a cobra moribunda (b).



*O meu pai cortou a cabeça da cobra com a catana.*

Antes de encarnar o pai a cortar a cobra (Figuras 8a2 e 8b2), o surdo olha novamente para a câmara, mas desta vez para indicar quem irá agir a seguir (Figuras 8a1 e 8b1).

**Figura 8** – Fragmento do clímax, em que o surdo indica à câmara quem está a ser encarnado, o pai (a1 e c1) e a (cabeça da) cobra (b1), antes de efetivamente encarnar o pai (a2 e c2) e a cobra (b2).



*O meu pai cortou a cabeça da cobra com a catana. A cabeça da cobra abriu-se. (...)  
O meu pai puxou a cobra para fora do buraco.*

Após o clímax, o narrador conta como o pai tira a cobra do buraco e a coloca no ramo de uma árvore. Em seguida, o pai censura o filho por meio de mímica. O surdo começa de novo por nomear o pai antes de encarnar a repreensão mimada. (Figura 9).

**Figura 9** – Fragmento da resolução da ação, em que o gestuante nomeia o pai para a câmara antes de o encarnar dando uma reprimenda ao filho por meio de mímica.



PAI  
narrador

TU  
CA: pai

BURACO

NÃO

OUVIR

O pai disse (...) "Não ponhas o teu braço no buraco! Tu ouves? (...)



COBRA  
CA: pai

MORDER

MORRER

VER

NÃO

Se a cobra te morder, morres. Tens de ver, não toques.

Na conclusão, o surdo, atuando como narrador, explica o que acontece à cobra antes de encarnar o pai a apanhar a cobra e a queimá-la. Por fim, termina a sua história com o gesto ACABAR, inclinando-se para trás e olhando para a câmara.

A Narrativa 2, na página seguinte, ainda que um pouco mais curta, distingue, de forma semelhante, entre introdução, desenvolvimento, incluindo o clímax e conclusão.

Introdução	<p><i>Eu estava na floresta, perto da água e havia muito peixe. Havia também muitos caracóis e eu estava a apanhá-los e a colocá-los no saco. Fiquei surpreendido. Havia realmente muitos caracóis e eu fiquei surpreendido. Eu, sozinho, apanhei muitos caracóis até este tamanho. Os caracóis rastejavam.</i></p>
Desenvolvimento	<p><i>Estava a apanhar caracóis sozinho em todo o lado. Foi então que vi uma cobra e fiquei surpreendido. Era uma cobra grande com manchas no corpo. A cabeça da cobra levantou-se e colocou a língua para fora movendo-se de lado. A cobra era grande, tinha manchas no corpo e estava enrolada.</i></p> <p>Clímax <i>A cabeça levantou-se, fiquei surpreendido e gritei. A cobra era forte. Eu estava a abençoar-me e a rezar a Deus. Eu disse: "Obrigado, Jesus Cristo, obrigado Deus e Jesus Cristo". "Eu rezei a Deus e a Jesus Cristo". "Por favor abençoa-me com vida". "Obrigado, Deus, e eu rezarei, Jesus Cristo". Preparei-me agarrando na catana e matei-a.</i></p> <p><i>Eu estava a olhar para a cobra morta.</i></p>
Conclusão	<p><i>Peguei numa parte da cobra e deitei-a fora. A outra parte enterrei-a e cobri-a.</i></p>

Na introdução, o surdo não diz quando aconteceu, mas indica o local: *Eu estava na floresta, perto da água*. Ele também identifica os caracóis no início da história e a cobra no desenvolvimento. Além dele próprio, ou seja, a personagem principal, ele personifica esses dois animais, na narrativa. Ele pode ser o homem que apanha os caracóis, com uma mão segurando o saco e a outra agarrando os caracóis e colocando-os no saco, ou o próprio caracol. Antes de incorporar o caracol, ele toca nos seus olhos e com a configuração V () representa os olhos do caracol, como classificador (Figura 10). Enquanto encarna o caracol, inclina-se para a frente, a cabeça move-se, a boca contrai-se, os olhos arregalam e, ao mesmo tempo, a mão em V move-se na mesma direção que o seu olhar.

**Figura 10** – Fragmento da introdução, em que o surdo encarna o caracol.



OLHOS  
CA: caracol

CL: OLHOS

*Os caracóis rastejavam.*

No desenvolvimento da ação, o gestuante explica o que estava a fazer antes de o conflito surgir: *Estava a apanhar caracóis sozinho em todo o lado*. Depois conta que viu uma cobra e descreve-a. Quando o conflito surge, ou seja, durante o clímax, a cobra torna-se uma ameaça e ele tem de lidar com ela, primeiro rezando e depois matando-a. Aqui, o surdo interpreta as duas personagens, o homem (ele próprio) e a cobra. Ele personifica a cobra duas vezes (Figuras 11 e 12). Na primeira vez, ele aponta para a língua e usa a configuração U (☞) para representar a língua da cobra (Figura 11). A cabeça inclina-se para a frente, o pescoço e a língua movem-se simultaneamente com a mão agindo como a língua da cobra.

**Figura 11** – Fragmento do desenrolar da ação, em que o surdo encarna a língua da cobra.



LÍNGUA

CL: LÍNGUA  
CA: cobra-1

*A cabeça da cobra levantou-se e colocou a língua para fora movendo-se de lado.*

Antes da segunda personificação da cobra, ele age como o homem surpreendido, enquanto se refere às manchas no corpo da cobra com a configuração de garra fechada (☞) e, imediatamente a seguir, a sua expressão facial muda para encarnar a cobra. Com a mesma configuração de garra utilizada para as manchas, os braços tornam-se o corpo enrolado da cobra. Quando o braço se levanta, representando a cabeça da serpente, como classificador, a cabeça do gestuante, que estava escondida, levanta-se ao mesmo tempo (Figura 12).

**Figura 12** – Fragmento do desenrolar da ação, em que o surdo encarna a cobra levantando a cabeça.



PEITO-MANCHAS

COBRA-ENROLADA

CA: cobra-2

*A cobra (...) tinha manchas no corpo e estava enrolada.*



CL: CABEÇA-CIMA

CA: cobra-2

*A cabeça da cobra levantou-se.*

No clímax, ele alterna entre a personificação da cobra e do homem. Quando o surdo interpreta o homem, é muito claro ao expressar a sua aflição emocional, ao procurar proteção através da oração (curiosamente, tudo em GSL) e, finalmente, ao decidir agir sobre ela, limpando o rosto com a camisa e matando a cobra (Figura 13).

**Figura 13** – Fragmento do clímax, em que o surdo encarna o homem a decidir o que fazer à cobra.



*Fiquei surpreso e gritei (...) Eu rezei a Deus. (...) Preparei-me (...) matei-o.*

Durante toda a narrativa, o surdo nunca olha para a câmara nem para ninguém, exceto por um momento, quando mostra o tamanho dos caracóis que apanhou (Figura 14a). A conclusão é muito curta e o homem é o único personagem que encarna até ao fim, quando diz ter coberto tudo depois de enterrar a cobra. Só então é que ele olha para a câmara e conclui a sua história com o gesto COBRIR (Figura 14b).

**Figura 14** – Fragmentos dos dois únicos momentos em que o gestuante olha para a câmara, um para marcar o tamanho do saco com os caracóis (a) e o outro no final, quando produz o último gesto, COBRIR (b).



Esta análise de duas narrativas em AdaSL que envolvem encontros de surdos com cobras revela que ambas estão bem estruturadas internamente e fazem uso abundante da incorporação. A direção do olhar, representações de tamanho e forma e classificadores são também utilizados pelos surdos, mas não são relatados neste artigo.

## 2.4 *Discussão*

As duas narrativas aqui analisadas estão estruturadas internamente; ou seja, com introdução, desenvolvimento, incluindo o clímax, e conclusão. As histórias também situam um tempo, um espaço e personagens particulares, tipicamente no início, e desenvolvem o enredo contando um acontecimento que se desenrola, atinge um clímax e resolve-se.

Na Narrativa 1, o surdo refere-se à sua experiência como pessoa surda, ou seja, conta como lida com uma ameaça normalmente relacionada com o som – o sibilar da cobra –, enquanto que na Narrativa 2, tal não é mencionado. Sutton-Spence e Kaneko (2017) argumentam que o conteúdo da literatura em LG é normalmente marcado pela surdez, mesmo quando a identidade ou a cultura surda não são explicitamente apontadas, uma vez que está sempre em LG. Nesta linha de pensamento, porque ambas as narrativas foram naturalmente produzidas em LG, podem ser vistas como objetos literários. Ambas as narrativas incluem incorporação, embora o antropomorfismo apareça de forma mais proeminente apenas na segunda história.

Na primeira história, o narrador, indicado pelos momentos em que olha para a câmera, está frequentemente presente para introduzir personagens, ou instrumentos, durante os acontecimentos. Ele indica quem vai atuar a seguir, geralmente o filho ou o pai nesta história. Em apenas um momento torna-se uma cobra – para mostrar como estava morta. Na segunda história, o surdo interpreta muitas das ações de forma antropomórfica. Sem nomear que personagem vai encarnar, ele consegue ser claro sobre quem está a representar, seja um caracol ou a cobra, ou quando muda de volta para o homem, que é ele próprio no passado. Raramente é um narrador que se dirige para a câmara.

Ambas as narrativas são ricas em mostrar emoções. Há mesmo um momento, na Narrativa 2, em que a angústia do homem é expressa ao mesmo tempo em que mostra o que o assusta – a cobra – e ele mostra angústia por meio da sua expressão facial, enquanto articula com as mãos as manchas da cobra no seu próprio corpo, um exemplo de dupla perspectiva, em que o surdo inclui duas personagens numa única produção (PERNISS, 2007). A Narrativa 1 tem diálogos com personagens humanas, pai e filho, agindo distintamente, enquanto a Narrativa 2 tem apenas um monólogo, correspondente ao homem que reza em GSL. De facto, aqui, o surdo mais velho, tendo a AdaSL como língua

primária, usa a GSL para rezar, refletindo a sua experiência de participar de serviços religiosos em GSL proferidos por um padre surdo. Também o jovem surdo, fluente nas duas LGs, usa apenas um único gesto em GSL, PEQUENO, no início da história, quando diz: *Quando eu era pequeno*.

## **Conclusão**

As duas narrativas, narradas informalmente em *Adamorobe Sign Language*, têm uma sólida estrutura interna e fazem referência ao espaço e às personagens. Uma delas inclui também a forma como o evento foi vivido enquanto pessoa surda. O facto de um dos surdos ser escolarizado e fluente nas duas LGs e o outro não ser escolarizado e ser fluente sobretudo em AdaSL não os diferenciou de forma alguma na capacidade de narrarem uma experiência pessoal com o conteúdo pretendido. O surdo mais velho acrescentou antropomorfismo, mas nada nos diz que o jovem surdo não seria capaz de o produzir de uma forma semelhante.

Esta análise ilustra como os surdos de uma língua gestual de aldeia, na África ocidental, pertencentes a diferentes gerações, produzem narrativas espontâneas que podem ser facilmente vistas como objetos literários. Naturalmente, muito precisa ainda ser estudado em relação tanto à sua forma como ao seu conteúdo, não só nos corpora existentes de línguas gestuais africanas, mas também através de mais trabalho de campo etnográfico. Além disso, seria importante analisar este tipo de narrativas, particularmente relacionadas com ataques de animais, contadas através de pessoas ouvintes que vivem na mesma região, uma vez que esta poderia ser uma experiência comum.

## REFERÊNCIAS

- ASMAL, A. & KANEKO, M. (2020). Visual Vernacular in South African Sign Language. *Sign Language Studies*, 20(3), 491-517.
- BAKER, A. (2017). Poetry in South African Sign Language: What is different? *Stellenbosch Papers in Linguistics*, 48, 87-92
- BAUMAN, D. (1997). Toward a Poetics of Vision, Space, and the Body: Sign Language and Literary Theory. *The Disability Studies Reader*. Ed. Lennard Davis.
- CORMIER, K., SMITH, S. & ZWETS, M. (2013). Framing Constructed Action in British Sign Language Narratives. *Journal of Pragmatics*, 55, 119-139.
- CRASBORN, Onno & SLOETJES, H. (2008). Enhanced ELAN Functionality for Sign Language Corpora. In: *Proceedings of LREC 2008, Sixth International Conference on Language Resources and Evaluation*. Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive. Retrieved from <https://archive.mpi.nl/tla/elan>.
- EDWARD, M. (2015). "We Speak With our Hands and Voices": Iconicity in the Adamorobe Sign Language and the Akuapem Twi (Ideophones) (Master's thesis, The University of Bergen).
- FREYTAG, G. (1908). *Freytag's Technique of the Drama: An Exposition of Dramatic Composition and Art*. Scott, Foresman and Company.
- JOHNSTON, T. & DE BEUZEVILLE, L. (2016). *Auslan Corpus Annotation Guidelines*.
- KANEKO, M. & MORGAN, R. (2019). Izihlahla Ezikhuluma Ngezandla ("Trees Who Talk with Hands"): Tree Poems in South African Sign Language. *Southern African Journal for Folklore Studies*, 29(1), 1-19.
- KARNOPP, L. B. & KLEIN, M. (2016). Narrativas e diferenças em língua de sinais brasileira. *Em Aberto*, 29(95).
- KUSTERS, A. (2015a). *Deaf Space in Adamorobe: An Ethnographic Study of a Village in Ghana*. Gallaudet University Press.
- KUSTERS, A. (2015b). Peasants, Warriors, and the Streams: Language Games and Etiologies of Deafness in Adamorobe, Ghana. *Medical Anthropology Quarterly*, 29(3), 418-436.
- LABOV, W. & WALETSKY, J. 1967. Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience. In Helm, June (ed.), *Essays on the Verbal and Visual Arts*, 12-44. Seattle: University of Washington Press.
- LANE, H. L., HOFFMEISTER, R. & BAHAN, B. J. (1996). *A journey into the DEAF-WORLD*. Dawn Sign Press.
- LUTALO KIINGI, S. (2014). *A Descriptive Grammar of Morphosyntactic Constructions in Ugandan Sign Language (UgSL)* (Doctoral dissertation, University of Central Lancashire).
- MORGADO, M. (2011). *Literatura das línguas gestuais*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- MORGAN, R. & KANEKO, M. (2020). Construction of Deaf Narrative Identity in Creative South African Sign Language. *Stellenbosch Papers in Linguistics Plus (SPiL Plus)*, 59, 1-20.

MULROONEY, K. J. (2009). *Extraordinary from the Ordinary: Personal Experience Narratives in American Sign Language*. Gallaudet University Press.

MWERI, J. G. (2015). *Cohesion: Structuring Content Through Textual Features in Kenyan Sign Language (KSL) Formal Discourse*. Doctoral dissertation, University of Nairobi.

NYST V. (2012). *A Reference Corpus of Adamorobe Sign Language. A digital, annotated video corpus of the sign language used in the village of Adamorobe, Ghana* [[https://archive.mpi.nl/tla/islandora/object/tla%3A1839\\_00\\_0000\\_0000\\_0016\\_3693\\_A](https://archive.mpi.nl/tla/islandora/object/tla%3A1839_00_0000_0000_0016_3693_A)].

NYST, V. (2007). *A Descriptive Analysis of Adamorobe Sign Language (Ghana)*. Doctoral dissertation, University of Amsterdam.

NYST, V. (2015). Sign Language Fieldwork. *Research Methods in Sign Language Studies: A Practical Guide*, 107-122.

NYST, V., Sylla, K. & Magassouba, M. (2012). Deaf Signers in Douentza, a Rural Area in Mali. *Sign languages in Village Communities: Anthropological and Linguistic Insights*, 251-276.

PERNISS, P. M. (2007). *Space and Iconicity in German Sign Language (DGS)*. Doctoral dissertation, Radboud University Nijmegen Nijmegen.

SUTTON-SPENCE, R. & KANEKO, M. (2017). *Introducing Sign Language Literature: Folklore and Creativity*. Palgrave.

TANO, A. (2014). *Un corpus de Référence de la Langue des Signes de Bouakako (LaSiBo)*. Leiden University Centre for Linguistics.

TANO, A. J. J. (2016). *Étude d' une langue des signes émergente de Côte d'Ivoire: l'exemple de la langue des signes de Bouakako (LaSiBo)*. Doctoral dissertation, Leiden University.